

# A DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR: TEORIAS E PERSPECTIVAS NO PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA

Arlete Santos Silva<sup>1</sup>

Shirley Florêncio Santos<sup>2</sup>

Patrícia Batista dos Santos<sup>3</sup>

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

Este artigo tem como objetivos identificar as evidências que comprometem a construção de aprendizagem da leitura; comparar os processos de leitura e escrita; relacionar as dificuldades e meios que facilitem a aprendizagem da leitura e escrita; analisar a linguagem, metodologia e desenvolvimento das atividades. Os procedimentos metodológicos utilizados são da pesquisa bibliográfica, entendida por reflexões e informações sobre o ensino de leitura e escrita num processo de inclusão das multidisciplinaridades e da metodologia nova para o ensino das escolas públicas brasileiras. As referências teóricas utilizadas para a produção da pesquisa foram: Luiz Carlos Cagliari, Michel de Certeau, José de Alencar, Maria Helena Martins e Edgar Morin.

## PALAVRAS-CHAVE

Aprendizagem. Ensino. Alfabetização. Leitura. Escrita.

## ABSTRACT

This article aims to identify the evidence that undertake the construction of learning to read; compare the processes of reading and writing; relate the difficulties and means to facilitate the reading and writing learning; analyze language, methodology and development of activities. The methodological procedures used are of literature, understood by reflections and information about teaching reading and writing in a process of inclusion of multidisciplinary and the new methodology for the teaching of Brazilian public schools. The theoretical references used for the production of the research were: Luiz Carlos Cagliari, Michel de Certeau, José de Alencar, Maria Helena Martins and Edgar Morin.

## KEYWORDS

Learning. Education. Alphabetization. Reading and Writing.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo destaca o processo de aprendizagem na leitura e escrita no Ensino Fundamental Menor, especificamente a dificuldade que levam a este processo, fundamentado por tópicos que sugerem conceitos, reflexão, história e, em parte, fundamentação teórica defendida por autores que estudam sobre a temática abordada.

Os tópicos e subtópicos que compõem a estrutura do trabalho são: o ensino e a aprendizagem; processo de alfabetização; a produção, leitura e interpretação de texto; o ensino da compreensão.

Dentro deste contexto, questiona-se: o porquê dos problemas que fundamentam a má formação dos alunos nas etapas iniciais do ensino no Brasil? E o que acontece com a qualidade do ensino e formação dos docentes? Será que a partir das avaliações negativas sobre o ensino podem refletir nos anos posteriores a educação da sociedade e com isso, possibilitar um panorama do país em estado subdesenvolvido? E de pessoas que não dominam ou têm dificuldade com o uso da linguagem na modalidade culta, escrita e/ou falada? Ou dificuldades nas diversas situações de uso?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivos: identificar as evidências que comprometem a construção de aprendizagem da leitura; comparar os processos de leitura e escrita como uma referência de melhoria na aprendizagem; relacionar as dificuldades e meios que facilitem a aprendizagem da leitura e escrita; analisar a linguagem, metodologia, desenvolvimento das atividades e o que reflete no intelectual dos alunos.

Justifica-se a pesquisa da necessidade de tratar, de forma cuidadosa, da essência, formação do papel do homem neste universo e de sua integração com a natureza, assim como a linguagem e suas interações sociais. E que o homem perceba e seja provocada a sua capacidade de assimilação e a necessidade do aprendizado no ensino, já que ao longo dos anos a alfabetização tem sido consolidada como um problema social: obstáculo de difícil superação por tratar-se de um dos dez países com índices mais altos de analfabetismo em todo mundo.

Alfabetizar implica em todo desenvolvimento dos anos seguintes e exige do professor um conhecimento prévio da área para facilitar a aprendizagem de indivíduos, um profissional envolvido que deve conhecer as minúcias da legislação do ensino e do que é pertinente à atividade do ensino. Deve estar à altura para discutir, disciplinar, envolver e proporcionar. Enfim, quem decide trabalhar com a educação deve ter uma visão holística, bem como de sua interação com a sociedade onde está inserida.

É importante apresentar o tema da pesquisa em função e contribuição ao desenvolvimento e conhecimento sobre áreas afins e, de modo geral, que intensifiquem o campo das teorias para trabalhos futuros envolvidos no processo de alfabetização, da leitura e escrita.

Os procedimentos metodológicos foram utilizados a pesquisa bibliográfica, entendida por reflexões e informações sobre o processo de leitura e escrita, defendidas por autores que discutem em livros de caráter científico e por pesquisas relevantes ao tema, num processo de inclusão das multidisciplinaridades e da metodologia nova para o ensino, a partir do que é proposto e vivenciado na prática de sala de aula, no âmbito da educação do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras, a qual se tornou referência nacional para o desenvolvimento de ações das políticas educacionais.

A identificação do referencial teórico parte do estudo de autores relacionados ao tema da leitura e da escrita. Autores que escrevem em seus livros como: Luiz Carlos Cagliari, Michel de Certeau, José de Alencar, Maria Helena Martins e Edgar Morin. São responsáveis pela defesa e dos argumentos que possibilitam as novas pesquisas e contribuem para o processo de ensino-aprendizagem das escolas, no ensino público.

A experiência em trabalhar o tema abordado faz do profissional da educação refletir sobre ações do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e experimentar novos caminhos para um bom desenvolvimento do conhecimento, de forma rápida e eficaz, para atingir a aprendizagem.

É notável o desafio para que os alunos aprendam a escrita e a leitura, já que é preciso ler e escrever, para melhor compreender fatores do convívio na sociedade e interagir por meio da linguagem..

Os conceitos levam a reflexão, o conhecimento e a compreensão sobre a ação do homem na natureza da linguagem, o desenvolvimento da leitura e da escrita estabelece relação comum entre a sociedade e o ensino que é de direito de todos, com usufrutos de um meio equilibrado considerado bem de uso comum e essencial a sadia qualidade de vida.

## **2 O ENSINO E A APRENDIZAGEM: PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

O processo de ensino e aprendizagem acontece de modo e épocas diferentes. O conceito mais comum referente à aprendizagem quer dizer que todo conhecimento provém da experiência. Assim como é relacionável com o conceito de ensino, pois se trata da ação ou efeito de ensinar, apresentação de sistemas ou métodos de instruir os conhecimentos, as principais ideias.

Para Araujo (2010, p. 25) a educação é vista como fruto do surgimento de formas "sociais de condução da aventura mágica e cotidiana do ensinar, do aprender. Educar é uma ação que precisa refletir sobre a finalidade do ensino é pensar sobre o destino do homem, o lugar na natureza e a relação com os semelhantes."

Cagliari (1998, p. 36), também discute que:

Ensinar é um ato coletivo: pode-se ensinar a um grande número de pessoas presentes numa aula ou numa conferência, etc. Quem ensina procura transmitir informações que julga relevantes, organizadas do modo que lhe parece mais razoável, para que seus ouvintes aprendam algo que deseja transmitir.

Aprender é um ato individual, função dependente do seu próprio metabolismo intelectual. A aprendizagem não se processa paralelamente ao ensino. A ordem da aprendizagem é criada pelo indivíduo a partir de sua história de vida e, raramente, acompanha passo a passo a ordem do ensino.

Segundo Cagliari (1998, p. 37):

A aprendizagem é sempre um processo construtivo na mente e nas ações do indivíduo. O ensino não constrói nada: nenhum professor pode aprender por seus alunos, mas cada aluno deverá aprender por si, seguindo seu próprio caminho e chegando onde sua individualidade o levar. Por isso, a aprendizagem será sempre um processo heterogêneo, ao contrário do ensino, que costuma ser tipicamente muito homogêneo.

A aprendizagem precisa partir de uma opção individual. É preciso saber o que faz o professor e o que fazem os alunos, o que compete a cada um. Há muitas maneiras de aprender, ir a escola é uma forma prática e organizada de aprender.

A alfabetização é considerada uma etapa importante na escola e na vida. É necessário entender o que se quer fazer e o que entende por alfabetização. Não se deve pensar numa vertente como um processo mútuo da sociedade, por isso é de responsabilidade de todos os elementos envolvidos. Por outro lado, para Cagliari (1998), a alfabetização passou a enfatizar em sua abordagem, exercícios preparatórios para o estudo, deixando de lado os conteúdos específicos que fazem parte da alfabetização plena.

Araujo (2010, p. 25) deixa claro que o professor precisa na sua prática pedagógica “saber usar métodos, processos e técnicas de ensino é fundamental, por que são eles que ajudam a alcançar os objetivos educacionais e desempenhar melhor o seu papel de educador, especialmente o de alfabetizado”.

Cagliari (1998, p.104), também diz que:

Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever. Como já dissemos, o segredo da alfabetização é a leitura (decifração). Escrever é uma decorrência do conhecimento que se tem para ler. Portanto, o ponto principal do trabalho é ensinar o aluno a decifrar a escrita e, em seguida, a aplicar esse conhecimento para produzir sua própria escrita.

Algumas atividades escolares como brincar, cantar, contar histórias, recortar, colar, desenhar etc., não é ensinar a ler nem a escrever. Só se aprende a ler e a escrever lendo e escrevendo. Brincar é imprescindível, mas deve ter valor estabelecido.

Ensinar a norma culta neste processo de alfabetização é dever da escola, já que os alunos são falantes nativos do português, cada qual usufruindo o dialeto da região em que nasceu e viveu. Para Cagliari (1998), trata-se de um processo que não interfere na alfabetização, por ter uma característica secundária, tecnicamente falando, tanto no âmbito da leitura, quanto da escrita. Pelo fato de que, a alfabetização independe do modo de falar de um determinado dialeto.

A escrita e a leitura têm muitos usos, que podem ser apresentados e discutidos no decorrer do processo de alfabetização. A escola parte do princípio de que o professor é quem decide o que é bom e o que deve ser excluído do processo educacional. Mas é importante perguntar aos alunos sobre seus anseios.

Araújo (2010, p. 30), revela que:

O processo de alfabetização, os pais representam os melhores parceiros da escola, pois contribuem para reforçar o conhecimento dos alunos. A família é à base da educação de um indivíduo e o ambiente familiar é onde ocorrem os primeiros contatos, dando lugar aos relacionamentos.

O melhor método de trabalho para um professor deve vir da experiência, baseadas nos conhecimentos sólidos e profundos na matéria que leciona. É importante que o educador saiba entender e resolver o que encontrar pela frente na sala de aula e organizar suas atividades.

A questão metodológica, segundo Cagliari (1998), não abrange a essência da educação, pois se trata apenas de uma ferramenta complementar. Entretanto, urge a necessidade de possuir ideias claras quanto ao assumir um ou outro comportamento metodológico no desenvolvimento do processo escolar.

O professor tem a responsabilidade de escolher uma metodologia favorável ao ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo em que reflita no aluno o despertar da curiosidade do novo. Além de envolver metodologias precisas para este processo, repensar a avaliação, recursos e obtenção dos resultados para poder encontrar uma forma melhor de ensino e eficaz aprendizagem.

## **2.1 A PRODUÇÃO, LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO**

No ambiente escolar, favorecem o contato entre a fala e a escrita de outra maneira do que é comum no dia a dia. O professor cria situações de uso da linguagem em que desenvolve e montam textos, frases, palavras e até sílabas para explicar os mecanismos da linguagem. Desse processo resultam segmentos que remetem ora para o significado, ora para os sons, e até mesmo para as letras.

O sistema de escrita segmenta a fala em palavras e letras e a linguagem é uma realidade oral falada e existem como a soma de inúmeros parâmetros que controlam o significado e os sons no que se diz. De maneira que conduzir a fala e usar a linguagem alguém passa a escrever com velocidade e fluência, guiado pelo significado.

Segundo Cagliari (1998, p. 200):

As palavras são escritas tão naturalmente quanto são ditas numa conversa. Para falar é preciso articular os sons de maneira precisa e, para escrever, é preciso traçar as letras. Essas atividades são feitas automaticamente. Se tivéssemos de lembrar todas as regras para falar ou escrever, a todo instante, ficaríamos perdidos e confusos em meio a uma enorme complexidade de dados.

O texto faz parte do mundo da linguagem e é muito mais fácil para uma criança se alfabetizar, lidando com textos do que com palavras isoladas, sílabas ou outros segmentos. O professor deve tentar, de início, criar situações em sala de aula em que predominem o texto.

Para Cagliari (1998, p. 201), “uma criança deve levar sua habilidade de produzir textos orais para a sala de alfabetização e usar isso como ponte para aprender a produzir os textos escritos nos estilos esperados pela escola e pela cultura”.

Com isso, a criança pode lidar bem com seus textos orais na alfabetização, quer falando, quer escrevendo. A partir deles, aprender como a linguagem funciona comparando sua fala com outros tipos de texto, estilos diferentes, e ir aprendendo a produção de textos orais e escritos dentro das expectativas da escola. Além de lidar com os conceitos e regras que se utiliza de segmentos da fala.

Na visão da produção de texto, no processo da alfabetização, Cagliari (1998, p. 210), discute que:

Logo se vê que os alunos farão apenas pequenos textos no começo, com uma ou duas frases, depois irão tentando escrever mais, à medida que ficarem mais fluentes na escrita. Certamente, os primeiros textos vêm sobrecarregados de erros de todos os tipos. O que vale é o trabalho, não o resultado em si. Por isso, o professor não irá corrigir esses primeiros textos. Irá simplesmente analisá-los, discuti-los com os alunos, mostrando algumas coisas interessantes e guardá-los no dossiê de material de cada aluno. Algumas anotações serão feitas tendo em vista a programação de aulas futuras.

A prática da produção textual vem com o objetivo de ensinar os alunos a passar seus conhecimentos sobre a linguagem oral para a forma escrita. Depois, aprender a produzir os textos de todos os tipos, conforme as exigências culturais e escolares. São atividades de produção de texto que podem estar ligadas a muitas matérias e a uma infinidade de conteúdos, não só na alfabetização.

Também, na alfabetização, a leitura como decifração é o objetivo maior a ser atingido. Os próprios textos são pretextos para trabalhar a leitura como decifração. Para Cagliari (1998, p. 210), “o uso da leitura como forma de pesquisar adquire uma importância secundária. Depois que o aluno se tornou fluente na leitura, ou seja, sabe decifrar a escrita com facilidade”.

Conforme Cagliari (1998, p. 321):

A leitura pode ter uma tipologia ramificada a partir de outros parâmetros, como a natureza dos textos e a finalidade do próprio ato de ler. Neste último caso, a leitura pode ser informativa, para divertir, etc. Com relação à natureza dos textos, uma leitura pode ser do tipo a ser declamado, representado, estudado, etc. Um estudo mais aprofundado levaria, ainda, a outros tipos de leitura.

A cada sistema de escrita tem um tipo próprio de leitura. Nos sistema ideológico, a leitura acontece do significado, procurando os valores fonéticos associados. No sistema fonográfico, da identificação dos sons das letras às palavras associadas a esses sons para chegar ao significado. “Os números e os pictogramas pertencem ao sistema ideográfico; as letras, ao sistema fonográfico; a ortografia, ao sistema ideográfico; o uso de rébus, ao sistema fonográfico” (CAGLIARI, 1998, p. 321).

Ler a qualquer tipo de texto exige dos leitores habilidades diferentes a todo instante. Ler apenas letras é uma tarefa típica da escola. Fora da sala de aula, a escrita se apresenta de muitas formas: os símbolos, os sinais, as grifes, as marcas, os sinais de trânsito, e informações gerais que se encontram nas ruas mostram que as letras representam um tipo de escrita e de leitura.

Num outro aspecto, a leitura se relaciona com a própria existência do homem, incitando a fantasia, o conhecimento e a reflexão acerca da realidade. O leitor pouco se detém no ato de ler, na intrincada trama de inter-relações que se estabelecem.

Para Martins (1994, p. 37):

Propondo-se a pensá-lo, perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar como níveis sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere.

A leitura é um ponto importante para aprendizagem e o educador precisa estimular os alunos a fazerem isso constantemente. Por meio das leituras, novas informações são absorvidas, mas é preciso saber ler, buscando identificar as ideias principais, secundárias e analisar as entrelinhas dos textos e como eles estão relacionados com a realidade (ARAÚJO, 2010).

Certeau (1994, p. 11) calcula que “bem longe de serem escritores, os leitores são viajantes; eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalarem”.

Alencar (1995, p. 20), em depoimento, louvando suas habilidades de leitura adquiridas na escola, diz:

Essa prenda que a educação me deu para tomá-la pouco depois, valeu-me em casa o honroso cargo de “ledor”, com que me eu desvanecia, como me nunca ao depois no magistério ou no parlamento. Era eu quem lia para minha boa mãe, não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica, formada ao gosto do tempo.

A língua falada tem relação de intercâmbio com a língua escrita. O processo de leitura e escrita da criança não começa no espaço escolar, inicia-se em diferentes contextos sociais e letrados em que está constante a escrita, assim como ela é utilizada como objeto social e cultural (SOUZA, 2010).

As dificuldades mais comuns que os alunos apresentam referem-se a problema de decifração, de concatenação ou de compreensão. Para Cagliari (1998), a decifração é o problema mais sério, principalmente porque o aluno que não consegue decifrar a escrita, busca imitar a fala do adulto, por meio da criação de uma nova fala.

Na própria natureza da história, os sistemas de escrita ideográfica propiciam os leitores a refletir sobre os valores semânticos das mensagens escritas. A atividade da exegese propicia comentários sobre significados de palavras para esclarecer com precisão como devem ser interpretadas. Nos estudos filosóficos, acompanhados de reflexões pessoais de quem faz os comentários.

Há, ainda, um tipo de interpretação de texto, a análise do discurso, que segundo Cagliari (1998), são deduções textuais que muitas pessoas fazem, utilizando implicações de ordens múltiplas, tais como: reflexões filosóficas, psicológicas, ideológicas etc., explicitadas pelo leitor que interpreta o texto, não sendo, entretanto, objeto da preocupação direta do autor abordado.

Para Araujo (2010, p. 54) “os alunos carregam consigo a dificuldade de compreender internamente o texto ou experiências vivenciadas no contexto social quanto no literário”.

Assim, o essencial é aplicar metodologias aptas à amenização da crise da leitura na e da interpretação textual, pois o mais viável seria uma sistematização de ensino, na qual os educadores desde os anos iniciais, especialmente no processo de alfabe-

tização, orientassem as crianças a ler, para que nas atividades cotidianas elas aprendessem a ler, sem frustração, mas ler de forma consciente, com prazer, não sofrendo futuramente com as dificuldades atreladas a compreensão de texto. (ARAUJO, 2010)

## 2.2 O ENSINO DA COMPREENSÃO

O ensino da compreensão é um problema para a maioria das escolas, pois a comunicação não garante a compreensão. A informação se for bem transmitida e compreendida, traz inteligibilidade, condição primeira necessária.

Para Morin (2000, p. 94):

Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente aprender em conjunto, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação.

Explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento. A explicação é, bem entendido, necessária para compreensão intelectual ou objetiva.

A compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para compreensão humana. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.

Morin (2000) relaciona que o modo de pensar possibilita a aprendizagem do texto e do contexto em conjunto, ou seja, o ser e seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, isto é, as condições do comportamento humano e sua complexidade.

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro.

Assim este processo da compreensão necessita de profissionais mais comprometidos com o conjunto de métodos e técnicas de e para o ensino das compreensões que facilitem e contribuam no desenvolvimento do ler, do entender, do interpretar e reproduzir/produzir. É um processo que faz parte de uma educação da sociedade para todos e simplesmente, cabe aos membros sociais aceitá-lo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no processo da alfabetização é visto como essencial e fundamental para o papel e formação do homem na sociedade. Cabe aos pais auxiliar junto à escola na formação adequada de seus filhos, fazendo com que os mesmos participem e aprendam junto às ações escolares para desenvolver nas ações sociais, numa relação de construção do saber e voltado para a melhoria do país no rumo ao futuro.

É notável e frequente apreciarmos com um modelo de educação diversificado e sujeito a problemas que dizem respeito à prática ou a leitura e escrita. Portanto, denominam-se de analfabetos os sujeitos que apresentam desconhecimento das condições elementares de decodificação das palavras, aqueles que não sabem ler e escrever. Analfabetos funcionais, aqueles que sabem ler e escrever, mas não conseguem interpretar um texto, não assimilam sua mensagem.

E como é objetivo dos educadores é importante que os mesmos desenvolvam a capacidade leitura dos alunos, fazendo da sala de aula um ambiente propício, um espaço harmonioso para auxiliar na construção dos conhecimentos, habilidades e procedimentos relativos ao processo do ensino da leitura. E, também, que possam repensar sua prática, assim como é um instrumento imprescindível para uma formação que possibilite cidadãos críticos, autônomos e atuantes na sociedade em constante transformação.

No reflexo do que foi trabalhado neste tema, acredita-se que será de grande relevância, no sentido da socialização entre acadêmicos, professores, escola e sociedade. Ao mesmo tempo, servirá de fonte de pesquisa e reflexão sobre a questão da dificuldade da aprendizagem na leitura, trabalhadas numa proposta de ampliação das práticas, uma nova forma de sentir, pensar e agir frente às dificuldades na leitura no ambiente escolar.

Na escola treina seus alunos apenas para lerem letras e, não raramente, somente para o aspecto literal do texto. É preciso abrir os horizontes e incorporar às atividades escolares todas as formas de leitura que o mundo moderno da escrita põe diante dos olhos de todos.

Alunos que apresentam problemas de naturalidade, de fluência, de concatenação, enfim, dificuldades com a realização fonética dos elementos prosódicos, precisam de uma comparação entre o que seria uma leitura exemplar e o que eles fazem.

Ler textos com muita, pouca ou nenhuma ilustração é irrelevante para a leitura, desde que os alunos saibam exatamente o que têm diante de si. Criança gosta de ler textos com ilustrações. Os desenhos não atrapalham a leitura, pelo contrário, podem ajudá-las. Mas não é única estratégia.

O professor deve estar preparado para fazer uma análise de um livro, a fim de escolher a concepção de língua mais coerente as correntes linguísticas atuais. O livro, além de ser agradável, deve ajudar o aluno a desenvolver o senso crítico necessário para compreender a realidade que o cerca. Fazer com que o aluno compreenda os processos linguísticos que envolvem uma escrita, para que ele possa expressar-se melhor e corretamente.

Além disso, o professor, também, pode utilizar-se no dia a dia e proporcionar leituras coletivas, para ajudar a afastar o medo da leitura individual, fazer jogral, algumas poesias etc.; utilizar nas atividades em sala de aula: jornal, revistas, livros de literatura que são vistos como materiais valiosos para o crescimento intelectual dos alunos, pois a sociedade valoriza o uso da língua padrão, da língua culta. Por isso é essencial que nas escolas aconteçam atividades diversificadas que aproximem o aluno do livro, da leitura.

A interpretação de texto deve ser, necessariamente, criativa e individualizada. É por meio da leitura que um indivíduo é capaz de adaptar uma postura pessoal perante tudo o que foi escrito pela humanidade, é por isso que a leitura está ligada a todo o processo de assimilação da cultura na sociedade em que vivemos. Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, por que ler ensina a ler e a escrever.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Como e por que sou romancista**. Salvador: Progresso, 1995.

ARAUJO, Maria José de Azevedo. **Escrita, alfabetização e letramento**. Aracaju: Gutenberg, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bú**. Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SOUZA, Lucyana Sobral de. **Metodologia do ensino da alfabetização**. Aracaju: UNIT, 2010.

---

**Data do recebimento:** 15 de abril de 2015

**Data da avaliação:** 16 de julho de 2015

**Data de aceite:** 11 de agosto de 2015

---

1. Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Farolândia.  
E-mail: arletesilva09@hotmail.com

2. Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Farolândia.  
E-mail: shirley.florenciosantos@gmail.com

3. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduada em Docência e tutoria em Educação a Distância pela Universidade Tiradentes (2012), Pós-Graduada em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (2009), Pós-Graduada em Gestão da Informação pela Universidade Federal de Sergipe (2002), Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe (2000). É professora da Universidade Tiradentes e da Faculdades Integradas de Sergipe (FISE). Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professor (GPGFOP/Unit/CNPq). E-mail: prof.patriciaabs@gmail.com